

Uso e variação do item lexical *arabu*: uma perspectiva dialetológica**Use and variation of the lexical item *arabu*: a dialectological perspective**Ana Miles Belém¹

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo

Este artigo apresenta uma descrição para a variante *arabu* registrada na questão de nº 100 do Questionário Semântico-Lexical (QSL), do Projeto de tese em andamento denominado *Atlas lingüístico da Microrregião de Coari (ALiMCO)*, e encontra-se fundamentado em Cardoso (2010), Guedes (2017), Romano (2020), e outros. O objetivo do estudo é discutir a distribuição diatópica da variante *arabu* nos dados obtidos para o ALiMCO, especificamente em seis municípios, no Estado do Amazonas, perfazendo a fala de 24 informantes cuja escolaridade máxima é o ensino médio. Por meio de quadros, gráficos e carta lingüística, os dados são expostos de maneira a evidenciar, por ora, uma amostra da norma lexical dessa Microrregião amazônica para a questão em pauta. Para os resultados, foram observadas e controladas as variáveis extralingüísticas diageracional e diassexual e os dados foram gerados a partir do programa estatístico SGVCLin. Como resultado deste trabalho, este estudo evidenciou que a Microrregião de Coari apresenta duas formas majoritárias *arabu* e *gemada*. Enfim, espera-se contribuir diretamente para os estudos dialetológicos no Brasil e, principalmente, no estado do Amazonas.

Palavras-chave: Dialectologia. Variação. Léxico. Microrregião de Coari.

Abstract

This article presents a description for the Arabic variant recorded in question number 100 of the Semantic-Lexical Questionnaire (QSL), of the ongoing thesis project called Linguistic Atlas of the Coari Microregion (ALiMCO), and is based on Cardoso (2010), Guedes (2017), Romano (2020), and others. The objective of the study is to discuss the diatopic distribution of the *arabu* variant in the data obtained for ALiMCO, specifically in six municipalities in the State of Amazonas, comprising the speech of 24 informants whose maximum education is high school. Through tables, graphs and a linguistic chart, the data is exposed to highlight, for now, a sample of the lexical norm of this Amazon Microregion for the issue at hand. For the results, the diagerational and diasexual extralinguistic variables were observed and controlled and the data were generated using the SGVCLin statistical program. As a result of this work, this study showed that the Coari Microregion has two major forms of *arabu* and *eggnog*. Ultimately, it is expected to contribute directly to dialectological studies in Brazil and, mainly, in the state of Amazonas.

Key-Works: Dialectology. Variation. Lexicon. Coari microregion.

¹ Estudante de Doutorado em Linguística na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2733-1312>

Introdução

Segundo Tarallo (2002), variação lexical faz referência a uma forma variante que substitui determinada palavra, ou seja, outra palavra, num mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. Desse modo, entende-se que os conhecimentos mobilizados pelos falantes no uso de uma ou outra categoria linguística evidenciam diferentes comunidades linguísticas, e, por conseguinte, trazem à tona diferentes itens lexicais para fazer referência a um mesmo significante.

Neste cenário, no que tange às pesquisas de cunho linguístico, percebe-se expressivo crescimento no campo da Dialectologia. Tais estudos visam observar as relações entre espaço geográficos e fatos linguísticos, para compreender o fenômeno da variação linguística, especialmente, a variação *diatópica*.

Ao se considerar o cenário epistemológico das ciências da linguagem, esta investigação põe em tela o estado do Amazonas. Quanto a sua caracterização, o Amazonas está dividido em Sub-regiões, Mesorregiões, Microrregiões e Novas Regiões Geográficas (intermediárias e imediatas). Devido a sua expansão e a sua hidrografia, o acesso aos municípios não ocorre de forma fácil, mesmo que esses municípios sejam próximos à capital. Quanto à formação da população que habita o estado, esta é bem diversificada, uma vez que antes da colonização pelos europeus e da migração de cearenses, maranhenses e pernambucanos na época áurea da borracha, o estado já era habitado por diversas etnias indígenas.

Este estudo se justifica pela necessidade e importância de se registrar, em mapas, variadas formas linguísticas quer sejam elas gramaticais, lexicais ou fônicas. O estudo se justifica, ainda, pela necessidade de pesquisas que evidenciem o caráter histórico da língua e pela necessidade de pesquisas que fomentem o português falado no espaço multicultural e multilingue que é o estado do Amazonas, em destaque, aqui, Microrregião de Coari.

Sendo assim, este estudo é um recorte de uma pesquisa maior que está em andamento cujo objetivo central consiste em elaborar o Atlas Linguístico da Microrregião de Coari (ALiMCO), no estado do Amazonas, no que se refere à Língua Portuguesa falada em seus aspectos fonético-fonológicos e semântico-lexicais. Nesta oportunidade, são apresentados os dados concernentes à Microrregião de Coari e tendo como finalidade a discussão da distribuição diatópica de variantes fonético-fonológicas e semântico-lexicais, dizendo de outra forma, a distribuição geográfica dos itens. Este trabalho apresenta resultados parciais, porém, bastante significativos, principalmente no que tange à definição de áreas linguísticas no território brasileiro comparando-se com os dados de outras regiões nacionais. A discussão não ocorre somente no campo diatópico, há, também, alguns apontamentos considerando duas variáveis dos informantes, a viável diageracional e a variável diasssexual.

Assim, na próxima seção, faz-se breves reflexões acerca do léxico e variação e uma breve explanação acerca da Dialectologia. A seção 2 traz informações sobre os procedimentos metodológicos da pesquisa e análise do *corpus*, seguido da seção 3 com apresentação e discussão dos resultados e, finalizando, algumas considerações e as referências citadas no estudo.

Léxico e Variação

Ao se pensar no termo léxico, logo vem à tona a ideia do conceito de vocábulo ou de palavra, os quais, para muitos, são sinônimos; porém, vale ressaltar que cada uma delas apresenta um propósito diferente e que se manifesta a partir da perspectiva que se pretende defender. Neste contexto, logo se pensa e/ou se associa tal ideia a de variação linguística e, a respeito desta temática, Coelho *et al* (2015) explica:

[...] quando se fala em variação linguística, os exemplos que costumam vir primeiro à mente dizem respeito ao nível do léxico, ou seja, das palavras que compõem uma dada língua, quase sempre associados à variação regional. A mesma realidade é representada, conforme a região, por palavras diferentes. Mas há também usos variados conforme a situação, mais formal e menos formal, em que se está falando, associados, portanto, à variação estilística (Coelho *et al.*, 2015, p. 23).

Como se observa nas palavras dos autores, o processo de variação linguística também compreende o nível do léxico, como já foi mencionado, e tal processo acontece em todos os níveis linguísticos (semântico-lexical, fonético-fonológico, morfológico, sintático etc.).

Conforme já entendido, a comunicação entre falantes acontece por meio de vocábulos e locuções lexicais que se expressam de diferentes maneiras. Por intermédio das expressões, pode-se identificar variantes lexicais que caracterizam locais geográficos, como por exemplo, os itens *macaxeira*, *aipim* e *mandioca*. São três palavras que, de imediato, remete ao mesmo significado, contudo, dentro do estado do Amazonas, especificamente na Microrregião investigada, *aipim* não é facilmente empregada na fala dos informantes e as formas *macaxeira* e *mandioca*, embora pertençam à mesma família de alimentos, são produtos completamente diferentes em relação a sua produção e ao seu consumo (Romano, 2020). Possivelmente, no que tange à fala, um falante nato e residente na região norte do Brasil, conheça com mais propriedade os léxicos *macaxeira* e *mandioca*, ao passo que o léxico *aipim* seja mais comumente empregada e entendida em outras regiões do Brasil, como no Sul, por exemplo. Em suma, é comum que uma língua apresente variações mediante a fatores como região, condições culturais e/ou sociais onde ela é usada.

Dialetologia

Para Cardoso (2010, p. 15), a Dialetologia é “um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”. Nesse sentido, Cardoso considera que numa pesquisa dialetológica:

A recolha de dados, *in loco*, é feita a informantes cujo perfil deve permitir não só apurar a diferenciação de usos, como também dar destaque às variáveis consideradas relevantes para o objetivo que se

visa alcançar com o trabalho. Assim, idade, gênero, grau de escolaridade, profissão, inserção social constituem-se variáveis que, na perseguição de aspectos cartográficos de tais dados põe lado a lado a informação diatópica e a informação sociolinguística, como se vê, entre outros, no *Atlas linguístico de Sergipe – II (ALS –II)*, no *Atlas Linguístico do Paraná*, no *Atlas linguístico-etnográfico da região Sul do Brasil (ALERS)* e no *Atlas linguístico y diastrático del Uruguay (ADDU)*, para ficar apenas com exemplificação sul- americana que se ilustra com dois desses atlas (Cardoso, 2010, p. 19).

Cardoso (2010, p. 25) segue pontuando e destaca que o estudo da língua quanto

instrumento responsável pelas relações sociais que se documentam entre membros de uma coletividade ou entre povos, a dialetologia não pôde deixar passar ao largo a consideração de fatores extralinguísticos, inerente aos falantes, nem relegar o reconhecimento de suas implicações nos atos da fala. Dessa forma, idade, gênero, escolaridade e características gerais de cunho sociocultural dos usuários das línguas consideradas tornam-se elementos de investigação, convivendo com a busca de identificação de áreas geograficamente definidas do ponto de vista dialetal. Tal fato levaria a pensar-se numa confluência de objetivos entre dialetologia e a sociolinguística, ambas perseguindo a variação, ambas mantendo sob controle variáveis diversas (Cardoso, 2010, p. 25).

Compreende-se, na fala da autora, que estudiosos da língua devem considerar, também, fatores extralinguísticos durante a realização de pesquisas dialetais, pois, ao falar, o informante deixa transparecer características do seu lugar de origem, bem como aspectos inerentes a ele como idade, sexo ou escolaridade, por exemplo.

Para a autora, “a dialetologia tem duas diretrizes, dois caminhos, no exame do fenômeno linguístico, que se identificam nos estudos dialetais: a perspectiva diatópica e o enfoque sociolinguístico” (Cardoso, 2010, p. 26). Ainda segundo Cardoso (2010), dentro da pesquisa dialetológica:

O espaço geográfico evidencia a particularidade de cada terra, exibindo a variedade que a língua assume de uma região para outra, como forma de responder à diversidade cultural, à natureza da formação demográfica da área, à própria base linguística preexistente e à interferência de outras línguas que se tenham feito presentes naquele espaço no curso de sua história (Cardoso, 2010, p.15)

Assim, com base nas palavras de Cardoso (2010), compreende-se que a abordagem dialetológica deve considerar para além da identificação, da descrição e da localização dos diferentes falares, pois o falante é mais que um simples ser geograficamente situado, ele é, também, o agente da constituição histórica da sua comunidade e do seu idioma.

Procedimentos metodológicos da pesquisa

Os dados obtidos para esta pesquisa são provenientes da aplicação do Questionário Semântico-Lexical (QSL) que compõe parte do projeto de tese, em andamento, denominado Atlas Linguísticos da Microrregião de Coari (ALiMCO), no estado do Amazonas.

A realização desta pesquisa dialetológica aconteceu nos seis (6) municípios que compõem a Microrregião, a saber: Coari (Ponto 1), Codajás (Ponto 2), Anori (Ponto 3), Anamá (Ponto 4), Beruri (Ponto 5) e Caapiranga (Ponto 6). Tais municípios tiveram como seus primeiros habitantes etnias indígenas, sendo, mais tarde, povoados por espanhóis e portugueses, além de receber forte migração de trabalhadores nordestinos que chegaram à região em razão do período áureo da borracha. O principal meio de acesso a todas as localidades se dá por meio fluvial, por barcos (recreios) ou por lancha. A Microrregião totaliza, aproximadamente, 181.118 habitantes, em uma área territorial de 111 590 km². A densidade da região é de 1,6 hab./km² e está na altitude de 35m.

Esta proposta está fundamentada no tripé básico: “a rede de pontos, os informantes e os questionários, cujo estabelecimento se molda sob diferentes perspectivas, orientadas por procedimentos teóricos também variados” (Cardoso, 2010, p. 89). Os informantes foram estratificados de acordo com a *escolaridade*, a *idade* e o *sexo*, contemplando as dimensões *diatópica*, *diageracional* e *diassexual*. Para a elaboração dos questionários que compõem o projeto de tese, foram consideradas, principalmente, questões do ALiB².

Para a seleção dos informantes foram adotados, com adaptações, os critérios do ALiB. Os informantes foram alocados em duas *faixas etárias*: Faixa I (18-35) e Faixa II (50-65), de ambos os sexos (homem e mulher). Seguindo os critérios de Brandão (1991), os informantes são naturais das localidades investigadas, assim como seus pais. Não se afastaram por muito tempo do local de inquérito, além de possuírem boas condições de fonação.

Foram entrevistados quatro (4) informantes, em cada uma das localidades, entre 8 a 13 anos de escolaridade distribuídos segundo a variável sexo, faixa etária e localidade. Os informantes estão num total de 24, assim distribuídos:

Quadro 1: Estratificação social dos informantes

Escolaridade →	8 a 13 anos				Nº Informantes
Faixa Etária →	Faixa I (18-30 anos)		Faixa II (50-65 anos)		
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	
Sexo →	Feminino		Masculino		
Localidade Ponto de inquérito					
Coari – ponto 1	1	1	1	1	4

² Projeto Atlas Linguístico do Brasil-ALiB

Codajás – ponto 2	1	1	1	1	4
Anori – ponto 3	1	1	1	1	4
Beruri – ponto 4	1	1	1	1	4
Anamã – ponto 5	1	1	1	1	4
Caapiranga – ponto 6	1	1	1	1	4
Total Geral					24

Fonte: Dados da pesquisa.

Para a obtenção dos dados, todas as entrevistas foram realizadas *in loco*. Cada uma delas teve duração entre 50min e 1h20. As entrevistas ocorreram de forma individual e foram registradas por fotografias e gravadas por um gravador de áudio e por um celular. As perguntas que compõem esta pesquisa constituíram a segunda parte das entrevistas. Na ocasião, foram aplicadas 179 questões do QSL e, para este trabalho, somente a questão de nº 100 - *Qual é o nome da comida que é feita com ovo cru batido e pode ser acrescentado açúcar, leite e até farinha?* Foi selecionada. Esta pergunta faz parte da subárea semântica alimentação e cozinha.

Após a finalização de cada entrevista, os dados foram transcritos grafematicamente de acordo com as ocorrências de cada variante e submetidos às rodadas estatísticas para a elaboração das cartas linguísticas por meio do programa *SGVCLin*, desenvolvido por Seabra, Romano, Oliveira (2014). Para analisar o fenômeno em estudo, a variante *arabu*, optou-se por controlar as variáveis independentes extralinguísticas contemplando as dimensões *diatópica*, *diageracional* e *diassexual*.

Apresentação dos resultados

Para entender como parte do campo semântico *alimentação e cozinha* se manifesta nos falares dos moradores da Microrregião investigada, recorreu-se às cartas linguísticas referentes a respostas dadas à pergunta de nº 100 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do ALiMCO. As distribuições das unidades lexicais apuradas como respostas para a pergunta selecionada serão apresentadas a seguir.

***Arabu*: contexto e definições**

Historicamente, o léxico *Arabu* ou *Mujangué* faz referência ao “preparado à base de ovos, farinha d’água e açúcar gramixó” (SANTANA, 2022, p.85). Segundo Santana (2022), esse alimento servia para alimentar e amenizar o cansaço dos seringueiros na área da região amazônica no período áureo da borracha.

Figura 1: *Arabu* preparado

Fonte: Altino Machado (2007)

Ainda a respeito do léxico *arabu*, Ranzi (2017, p. 15) descreve:

ARABU. s. Mistura de ovo cru batido em neve, com gema e tudo, mais farinha e açúcar gramixó. É um dos acompanhamentos mais nobres da cozinha nativa da floresta, servido com caça ou peixe. Na necessidade, come-se puro. O arabu mais apreciado era feito com ovo de tracajá e tartaruga, mas hoje a consciência ecológica e o rigor da lei aconselham que se faça mesmo com ovo de galinha, mas galinha caipira. O arabu também é conhecido na região do Juruá por mujangué ou mujanguê (Ranzi, 2017, p.15).

Na Microrregião investigada, a mistura feita com ovos de animais silvestres era bastante comum entre aqueles que faziam trabalhos braçais, principalmente no auge da colheita da borracha, entre os anos de 1880 e 1910. Contudo, nos tempos atuais essa prática não ocorre mais com tanta frequência. No sentido do alimento preparado com ovos batido, é mais comum, hoje, que este seja feito com ovos de galinha caipira, que nutritivamente tem o mesmo valor.

Discussão Dialetológica

Com base nas variações inerentes à linguagem humana, tem-se, a seguir, a partir de uma perspectiva dialetológica, o uso e a variação no emprego do léxico *arabu*, na Microrregião de Coari, no estado do Amazonas. No seio de uma perspectiva dialetológica, optou-se por controlar somente as variáveis extralinguísticas *diageracional* e *diassexual*.

No que tange à visão dos resultados, tem-se as seguintes ocorrências:

Quadro 2: Frequência geral de uso e variação para o léxico *arabu*.

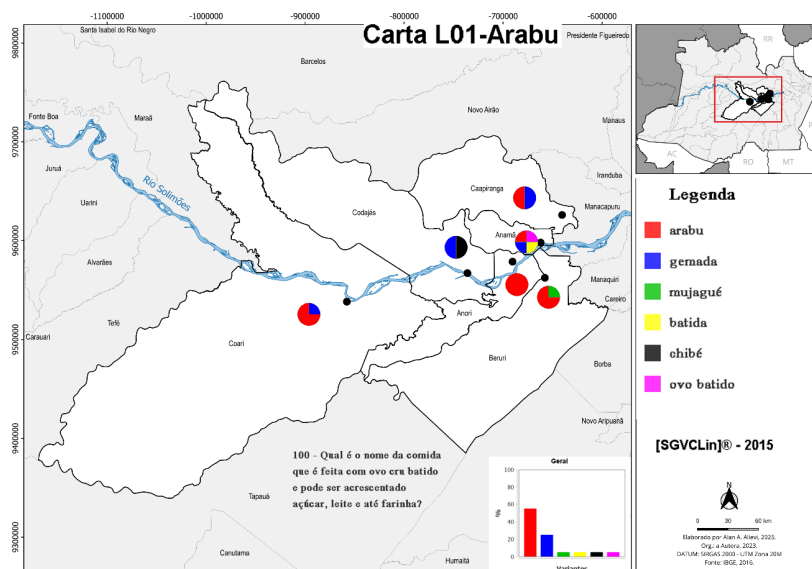
Variante	Nº de ocorrências	%
Arabu	11	55
Gemada	5	25

Batida	1	5
Ovo batido	1	5
Mujagué ³	1	5
Chibé	1	5
Total de ocorrência	20	

Fonte: Dados da pesquisa.

De forma geral, conforme se observa no Quadro 2, a variante *arabu* (55%) é a forma mais usada entre os falantes observados, seguida das formas *gemada* (25%), batida/ovo batido, formas agrupadas no processo de geração dos dados (10%), *mujagué* (5%) e *chibé* (5%).

Carta L01: Distribuição diatópica para o léxico *Arabu* - Microrregião de Coari (AM)



Fonte: Dados da pesquisa

Conforme se observa na Carta L01, no ponto de inquérito 1, Coari, foram registradas duas variantes: *arabu*, com três ocorrências e *gemada* com apenas uma ocorrência. No ponto de inquérito 2, Codajás, foram registradas duas formas: *gemada* e *chibé*, ambas com uma ocorrência cada. Quanto ao ponto de inquérito 3, Anori, apenas uma variante foi

³ Variante transcrita grafematicamente igual à fala da informante. De acordo com a escrita Tradicional tem-se Mujangué ou mujanguê (Ranzi, 2017). Historicamente, de acordo com o Dicionário das Palavras Portuguesas de origem Tupi, o nome *mujanguê* s.m. [<T. muia'nuê]. V. abon. 1895 J. Veríssimo A Pesca na Amazônia I. v. 82: Os ovos da tartaruga não se prestam tanto como os do tracajá à moqueação e depois de moqueados não duram tanto como estes. Dos ovos crus de uma e de outra espécie fazem, adicionando-lhes farinha d'água, uma expressa massa chamada *mujanguê*, da qual preparam um refresco desfazendo-a em água (CUNHA, 1998).

registrada, a variante *arabu*, com duas ocorrências. No ponto de inquérito 4, Anamá, foram registradas quatro variantes: *gemada*, *arabu*, *ovo batido* e *batida*, uma ocorrência para cada variante. No ponto de inquérito 5, Beruri, foram registradas três ocorrências para a variante *arabu* e uma ocorrência para a variante *mujagué*. Já no ponto de inquérito 6, Caapiranga, somente apareceram as formas *gemada* e *arabu*, ambas com duas ocorrências cada uma.

Ao se descrever as ocorrências para a variante *arabu*, observando os índices de uso e emprego desta variante na fala dos moradores por ponto de inquérito, tem-se que nos municípios de Coari (ponto 1) e Beruri (ponto 5) a forma *arabu* é a variante com maior número de ocorrências, sendo três registros para cada um dos pontos inquiridos. Seguido dos municípios de Anori (ponto 3) e Caapiranga (ponto 6), ambos com duas ocorrências para a mesma forma, a forma *arabu*. No município de Anamá (ponto 4) registrou-se apenas uma forma para a variante *arabu* e, por sua vez, no município de Codajás (ponto 2), a forma *arabu* não apareceu.

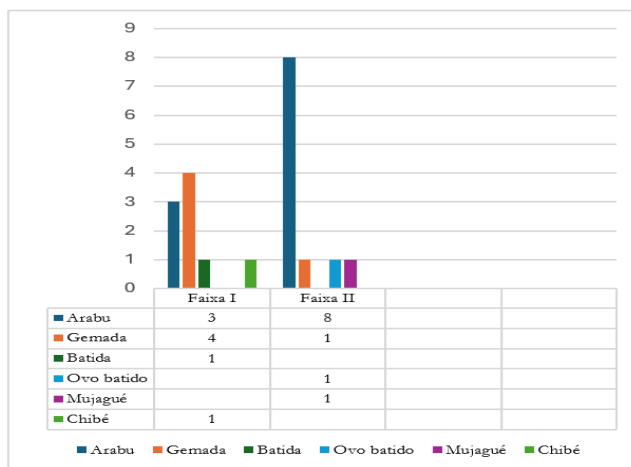
Seguindo com a descrição diatópica, a respeito do fenômeno investigado, de acordo com D'Ávila (2021), em sua dissertação de Mestrado, foram registradas, para a mesma pergunta, formas variantes como *arabu*, *poncho*, *gemada* e *ovo batido*. Na ocasião, D'Ávila investigou a variação semântico-lexical (alimentação e relações sociais) do português falado nos municípios de Benjamin Constant e Tabatinga, na região fronteira Brasil/Colômbia/Peru, contudo, o autor não traz resultados estatísticos para o fenômeno.

A variável diageracional

A variação diageracional faz referência à idade dos informantes, segundo Guedes (2017):

[...] o tempo aparente por meio da comparação simples entre a fala de colaboradores mais idosos e a dos mais jovens, as diferenças entre elas podem indicar mudanças linguísticas, por exemplo, observando a existência de variantes inovadoras mais presentes na fala dos mais jovens. (Guedes, 2017, p. 67).

Neste sentido, com base nas palavras de Guedes (2017), optou-se por trazer o fenômeno observado, a partir desta variável extralinguística, a *variável diageracional*.

Gráfico 1: Produtividade das variantes, segundo a variável *diageracional*

Fonte: Dados da pesquisa

Conforme se observa no gráfico 1, a variante *arabu* é a forma que mais se destacou entre o público da faixa etária II, ao passo que a mesma forma aparece na segunda posição entre os informantes da faixa etária I. A variante *gemada* é a forma que mais se destaca entre os informantes da faixa etária I, ao passo que a mesma variante não apresenta resultado expressivo entre os informantes da faixa etária II. Ao que se observa no gráfico 1, variantes como *mujagué*, *batida*, *chibé* e *ovo batido* são variantes de pouco uso entre os informantes.

Para além da dimensão diatópica, considerando a ocorrência das variantes por *faixa etária*, segundo os relatórios *SGVCLin*, em números relativos e absolutos, a variante *arabu* é a forma com maior índice de produtividade entre os informantes da faixa etária II, os informantes considerados mais velhos. Já entre os informantes da faixa etária I, a variante mais produtiva é a forma *gemada*, embora haja diferença mínima desta forma, *gemada*, para a forma *arabu*, que aparece logo em seguida.

Ainda a respeito das variantes obtidas para a questão de ordem lexical observada, ressalta-se, aqui, que a forma *mujagué* chama a atenção dada a sua origem (do Tupi *mujanguê*), para a variante *arabu*, proferida por uma informante do sexo feminino, da faixa etária II, parece indicar uma mudança em curso da norma lexical, ou ainda, parece indicar desuso da tal forma lexical, uma vez que foi falada por uma única informante da faixa etária II, contudo, esta investigação não dá conta de dados que comprovem tais suposições.

Em suma, ao se falar da variável diageracional, na Microrregião de Coari (AM), o léxico que predomina para designar o referente objeto da questão 100, é o item *arabu*. Quando se observa os dados obtidos, tem-se em mente haver indicativo de mudança em relação ao uso da variante, visto que num total geral foram registradas 11 ocorrências entre as duas faixas etárias, contra 5 ocorrências para a forma *gemada*, sendo esta a variante mais produtiva entre os jovens, ao passo que a forma *arabu* é a variante mais produtiva entre os informantes mais velhos. Neste cenário, há de se pontuar a relação entre variação linguística e idade do falante, pois, conforme Guedes (2017), é a partir do controle desse condicionador que se entra em jogo a questão da mudança linguística.

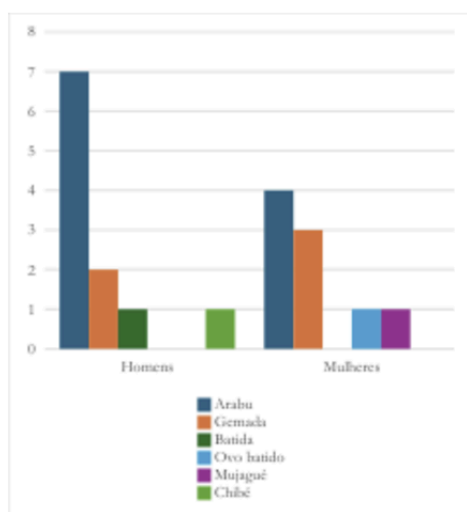
A variável diagenérica

Em relação à variante diagenérica ou diassexual, Guedes (2017) destaca que:

A dimensão diagenérica, também conhecida como diassexual, mapeia a variação da fala entre homens e mulheres. Fatores de ordem extralinguística, como papéis e funções sociais distintas e o preconceito linguístico, por exemplo, exercem papel preponderante na variação da fala entre homens e mulheres. (Guedes, 2017, p. 67-68).

Com base nas palavras de Guedes (2017), apresenta-se, a seguir, o fenômeno observado, a partir desta variável extralinguística, a *variável diagenérica* ou *diassexual*.

Gráfico 2: Produtividade das variantes, segundo a variável *diagenérica* ou *diassexual*



Fonte: Dados da pesquisa

Conforme se observa no gráfico 2, a variante *arabu* é a forma predominante entre os homens, seguida da variante *gemada* e na terceira posição surgem as variantes *batida* e *chibé*. Assim como entre os homens, a forma *arabu* é a variante predominante entre as mulheres, seguida da variante *gemada* e aparecendo em terceira posição estão as variantes *mujagué* e *ovo batido*.

Assim como para a variável extralinguística diageracional, a variável diassexual, na Microrregião de Coari (AM), apresenta a variante *arabu* como léxico predominante para designar o referente objeto da questão 100. Deve-se considerar, que este estudo não traz uma visão entre as formas consideradas mais ou menos prestigiadas, visto que a depender da situação social, o homem ou a mulher pode adotar formas consideradas prestigiadas ou não (Guedes, 2017). Desse modo, a fim de que se pudesse atestar o papel conservador e/ou inovador das variáveis observadas, seria necessário que se realizassem testes de atitudes, por essa razão, não se pode afirmar, nesta pesquisa, se as variantes apresentam avaliação social positiva ou negativa.

Considerações finais

Com este estudo, evidenciou-se que a Microrregião de Coari apresenta duas formas majoritárias, a saber, *arabu* e *gemada*, caracterizando áreas que compreendem, principalmente, Coari, Codajás, Anori, Beruri, Anamã e Caapiranga. Nos municípios como Anamã e Codajás há menor incidência, ou nenhuma, do item que caracteriza a norma lexical da maioria dos municípios, *arabu* para questão 100. Em vias de resultado geral, é possível que a escolha para *arabu* em detrimento da forma *gemada* ocorra por razões históricas e devido ao processo de ocupação e povoamento de tais municípios. Nesse ínterim, mediante aos resultados, cabe refletir acerca de alguns termos, visto que “o estabelecimento de áreas linguísticas ou áreas dialetais não se dá de forma abrupta, mas sim de forma gradual podendo-se defender a ideia da existência de *continuum* dialetal ou *continua* dialetais nos territórios” (Romano, 2020, p. 99).

Enfim, mesmo que não se tenha, nesta ocasião, realizado uma análise comparativa com dados de outras Microrregiões, cabe ressaltar que há, no Amazonas, outros trabalhos de natureza dialetal como o Atlas Linguístico da Microrregião do Alto Solimões e o Atlas Linguístico da Microrregião de Parintins, projetos de tese que ainda estão em andamento. De todo modo, essa questão do QSL favorece a definição de áreas linguísticas para um futuro mapa de cunho dialetológico do Português Brasileiro.

Referências

CAMPOS-SILVA, João Vitor. **Manejo participativo nas várzeas amazônicas e seus efeitos multi-tróficos**. Tese (Doutorado) - 209 f.: il. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2016.

CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

COELHO, Izete Lehmkuh et al. **Para Compreender a Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

CUNHA, ANTÔNIO Geraldo da. **Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi**. Prefácio-estudo de Antônio Houaiss. 4. Ed.-São Paulo: Companhia Melhoramentos; Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

D'AVILA, João Bosco Martins. **Um estudo da variação semântico-lexical do português falado nos municípios de Benjamin Constant e Tabatinga na região fronteira Brasil/Colômbia/Peru**. 2022. 162 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM), 2021.

GUEDES, Regis José da Cunha Guedes. **Perfil geossociolinguístico do português em contato com línguas tupi-guarani em áreas indígenas dos estados do Pará e Maranhão**. 2017. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará.

SANTANA, Francisco Marqueline. **Crônicas da Pan-Amazônia**. Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

RANZI, Pedro. **Vamos falar o acreanês**. Rio Branco: 112p. Edufac, 2017.

ROMANO, V. P. **Macaxeira e mandioca na Região Norte do Brasil em uma perspectiva diatópica nos dados do Projeto ALiB**. PORTO DAS LETRAS, v. 6, p. 78-102, 2020.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2002.

Recebido em 15 de agosto de 2024

Aceito em 2 de outubro de 2024